

Os experimentalismos na linguagem poética de Carlos Fernando Filgueiras de Magalhães

Elaine Gonçalves RODRIGUES¹ (IC)*, Nismária Alves DAVID² (PQ)

1 Aluna Bolsista PIBIC-Af/CNPq, Curso de Letras, Câmpus Pires do Rio, Pires do Rio/GO/Brasil. E-mail: elaine_vip.16@hotmail.com

2 Professora Doutora, Curso de Letras, Câmpus Pires do Rio, Pires do Rio/GO/Brasil.

Resumo: Este trabalho estuda os experimentalismos presentes na linguagem poética de Carlos Fernando Filgueiras de Magalhães, com o propósito de apreender as características que definem sua escrita literária, especialmente, sua metapoesia. Dentre sua produção literária, o referido escritor publicou cinco livros de poemas, a saber: *Matéria Prima* (1968), *Eros* (1986), *Quarks* (1994), *X* (2000) e *Perau* (2003), aos quais aqui damos atenção. Quanto à metodologia de investigação, primeiro, abordamos a teoria da metalinguagem para compreender a metapoesia de Magalhães; segundo, buscamos aprofundar os conhecimentos sobre a vanguarda concretista no Brasil e seus desdobramentos; e, por fim, selecionamos e analisamos o poema “sopro” para exemplificar a configuração metalinguística. Como resultados, depreendemos que se trata de um poeta que revela um profícuo diálogo com a vanguarda concretista, principalmente, mediante a inserção de elementos visuais e sonoros em seus poemas, manifestando, de modo reiterado, a preocupação com o processo de construção poética.

Palavras-chave: Experimentalismos. Poesia. Carlos Fernando Filgueiras de Magalhães.

Introdução

O objetivo deste trabalho é o estudo dos experimentalismos na linguagem poética de Carlos Fernando Filgueiras de Magalhães. Este escritor, nascido em 1940, em Paratinga (BA), radicou-se em Goiânia (GO) desde a década de 1960. Médico, poeta, escritor, crítico, dramaturgo e agente cultural, foi um dos membros da instauração do Movimento Práxis em Goiás.

Dono de uma obra literária ainda pouco conhecida. Cientes disso, ao escolhermos este objeto de estudo, esperamos preencher esta lacuna na área de Estudos Literários. Dentre sua produção literária, aqui, damos atenção aos seus cinco livros de poemas: *Matéria Prima* (1968), *Eros* (1986), *Quarks* (1994), *X* (2000)

e *Perau* (2003), constituindo parte do Projeto de Pesquisa *A metapoesia na Literatura Goiana* e, com os resultados obtidos, esperamos divulgar a escrita literária do referido poeta e levar graduandos de Letras ao interesse pela leitura e estudo de lírica.

Material e Métodos

Para a realização desta pesquisa científica, de caráter bibliográfico e analítico-interpretativo, foram utilizados os livros de poemas de autoria de Carlos Fernando Filgueiras de Magalhães, nos quais foram selecionados textos que apresentam a recorrência da metapoesia.

Com o propósito de discutir a presença da metalinguagem nos poemas escolhidos, realizamos leituras dos materiais teóricos e críticos sobre o tema, como Jakobson (1978; 1983), Cury & Walty (1999), Chalhub (1998), Campos (1992), entre outros.

Para a compreensão da vanguarda concretista e seus desdobramentos no Brasil, foram feitas leituras de materiais teóricos e críticos como Aguilar (2005), Bosi (2003), Candido & Castello (1964), Campos, Pignatari & Campos (2006) e Coutinho (1986), entre outros.

Além disso, também se fez o levantamento bibliográfico da fortuna crítica que dedica atenção à poesia de Carlos Fernando Filgueiras de Magalhães para, finalmente, debruçarmos sobre a interpretação dos poemas.

Resultados e Discussão

Carlos Fernando Filgueiras de Magalhães, filho de Campos Magalhães e Eliza Filgueiras de Magalhães, nasceu em Paratinga, margens do Rio São Francisco, Bahia, no dia 17 de outubro de 1940 e, infelizmente, foi assassinado aos 69 anos de idade, no dia 3 de novembro de 2009. Havia se radicado em Goiânia desde a década de 60 e dava muita atenção a tudo o que estava relacionado à arte.

Em linhas gerais, Carlos Fernando foi escritor, poeta, médico, ensaísta, pesquisador, contista, cronista, memorialista, conferencista, intelectual, pensador, produtor cultural, crítico, administrador, educador, ficcionista, teatrólogo, cineasta,

fotógrafo, desenhista e artista plástico. Como se nota, no meio cultural, onde atuava, era uma personalidade de múltiplos talentos. Vale destacar que colaborou com o início da Instauração Práxis em Goiás, sendo um dos fundadores da revista *Projeto Práxis*.

Compõem sua obra os seguintes títulos: - *Matéria-prima* (poesia, 1968); - *Via viagem* (romance, 1970); - *Daniel* (conto, 1976); - *O jogo dos reis* (teatro, 1974); - *Lampião* (texto de ópera popular, 1984); - *Eros* (poesia, 1986); - *História da Irmandade do Santíssimo Sacramento, da Igreja Nossa Senhora do Rosário, do Arraial de Meia Ponte, da Capitania de Goiás, entre 1757 a 1774, segundo seu Livro de Termos de Mesa* (ensaio, 1991/1992); - *Quarks* (poesia, 1994); - *X* (poesia, 2000); - *Os jogos dos reis e Lampião* (teatro, 2002); - *Perau* (poesia, 2003); - *Sociedade Filarmônica 13 de junho: 100 anos de tradição e cultura* (2006); - *O cometa*, comédia em 1 ato (2007). Carlos Fernando ainda nos deixou um livro de poemas (*Poesia Inédita*); um volume de histórias de sua terra natal, Paratinga, intitulado *A serpente encantada*; e três volumes de sua trajetória, *Memória das artes em Goiás*.

No ano de 2008, o autor foi contemplado com o Troféu Jaburu, o mais importante prêmio na área cultural de Goiás, concedido pelo Conselho Estadual de Cultura. Recebeu o Troféu Tiokô, concedido pela União Brasileira de Escritores - Seção Goiás. Foi agraciado, em 2002, pela Academia Carioca de Letras, com o Prêmio Jorge de Lima.

Para Godoy (2003, p.10), a literatura realizada por Magalhães é “uma escrita que se esconde e se dissimula, pois, ao mesmo tempo, desvela seu significante e elide seu significado”. Esta requer dos leitores que façam a descoberta de significantes e de significados, pois: “Toda leitura não passa, assim como toda escrita, de um mergulho no escuro das possibilidades da linguagem” (GODOY, 2003, p. 10).

A preocupação com o processo de construção do poema é algo recorrente em Magalhães e, por isso, devemos considerar a metapoesia, isto é, a reflexão sobre o próprio fazer poético. Com base em Genette, Pascolati (1999, p. 38) discorre sobre a metatextualidade, definindo-a como a reflexão crítica do texto sobre si mesmo, na qual há a investigação, o questionamento e a análise dos processos empregados na escrita. A autora aponta que o processo metatextual de construção

do texto faz dele um objeto de leitura dupla, que traz em si tanto a matéria literária, como o comentário sobre a escritura da matéria, isto é, a reflexão crítica. Ela escreve:

[...] o que ocorre na metatextualidade é um processo de absorção do **discurso crítico** por parte do texto literário, sem deixar de ser sempre um relacionamento entre linguagens: a linguagem da ficção se comunicando com a linguagem da crítica e usando como arena o texto, espaço metalinguístico por excelência. (PASCOLATI, 1999, p. 42, grifo da autora).

Pensando nas formas de metatextualidade (intertextual e autotextual), constatamos que essas cumprem a finalidade de suscitar problemas teóricos do ato de poetizar, e provocam tematicamente a pergunta do ato criador, apontada por Chalhub (1998, p. 60): “O que é (fazer a) poesia?” Entendemos que essa pergunta surge porque, realmente, toda poesia sobre poesia é uma busca de conhecimento do ser que ela é. Ainda, a partir da leitura de Chalhub (1998), reconhecemos que o poema é um jogo de produção e recepção que pode alternar os lugares de poeta e de leitor.

Quanto à poesia concretista no Brasil, trata-se de um movimento de vanguarda que influenciou a arte literária, inaugurando um novo estilo que norteou a poesia brasileira, o chamado Pós-Modernismo, a partir do visual e do sonoro. Desse modo, houve o redirecionamento da estrutura do poema, pois uma nova perspectiva se apresentava no campo semântico, sintático, léxico, morfológico, fonético e topográfico.

Acerca disso, de acordo com Bosi (2003, p.475):

a poesia concreta, ou Concretismo, impôs-se, a partir de 1956, como expressão mais viva e atuante da nossa vanguarda estética. O grupo de base já aparece coeso na antologia pré-concreta, *Revista Noingrandes* 1 (1952) em que poemas, ainda em versos de Haroldo Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari, tendo um ou outro ponto de ligação com o formalismo de 45. [...].

Essa nova proposta de poesia que não se limitava ao verso linear ganhou simpatizantes. Posteriormente, alguns integrantes do movimento concretista decidiram romper com a proposta e retomaram a contratação histórica e a linguagem verbal, a palavra. O principal precursor e autor dessa nova abertura da poesia foi o poeta Mário Chamie, mais ou menos em 1961. No ano de 1962, Chamie publicou o livro *Lavra-Lavra* que mostrou a grande abertura para a poesia-práxis. Em Goiás,

este movimento, poesia-práxis, teve vários adeptos, sendo que um deles foi o autor Carlos Fernando Filgueiras de Magalhães, considerado um dos seus divulgadores.

Como exemplo de diálogo com o Concretismo e seus desdobramentos, transcrevemos o poema “sopro”, publicado no livro *Quarks*, no qual se pode notar o jogo de palavras, a exploração do aspecto visual da disposição das letras e palavras no corpo da página, revelando a utilização do espaço para a composição poética e o desprendimento da estrutura do poema:

sopro

‘

e p l s s a a

a p s s p e l

t

e s ‘ ‘ s

no sopro do ramo
 amo
 vogais florais
 lentos acentos

caindo assim

consoantes instantes
 jazem mim

n

t

e

c s o s

s c n t e

c

(MAGALHÃES,1994, p. 137).

Vemos a imagem e o movimento do sopro. Assim, há constituição do poeta como aquele que manipula a palavra, seu material de trabalho, que tanto lhe permite dizer sobre as coisas, sobre os outros e sobre si mesmo. O ato de leitura dá vida ao texto, isto é, confere sentidos e possibilita descobertas. Quando há uma leitura contemplando a outra, temos a extensão da linguagem acerca da linguagem, ou seja, sistema de signos em que as referências apontam para si próprias, estruturas que explicam a si mesmas: eis a metalinguagem. Segundo Chalhub (1998, p. 09), no poema, o objeto comum entre poeta e leitor são as palavras que sustentam os versos, engendrando o literário. No caso do poema de Magalhães, o

visual e o sonoro reforçam a significação, sugerindo, ao mesmo tempo, a inter-relação entre o sopro da vida e o sopro poético.

Considerações Finais

Carlos Fernando Filgueiras de Magalhães é um poeta que realiza diversos experimentalismos em seu fazer literário, revelando um profícuo diálogo com a vanguarda concretista e seus desdobramentos no Brasil, sobretudo, por meio da incorporação de elementos visuais e sonoros. Com a realização deste estudo, esperamos contribuir para a confirmação do valor literário-cultural de Carlos Fernando Filgueiras de Magalhães na lírica goiana e, especialmente, brasileira.

Agradecimentos

Agradecemos ao PIBIC Af/CNPq por oportunizar à acadêmica autora a Bolsa de Iniciação Científica no período de agosto de 2015 a julho de 2016.

Referências

- AGUILAR, Gonzalo. *Poesia Concreta Brasileira*. São Paulo: Editora da USP, 2005.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2003.
- CAMPOS, Augusto; CAMPOS, Haroldo; PIGNATARI, Décio. *Teoria da Poesia Concreta*. Cotia: Ateliê Editorial, 2006.
- CAMPOS, Haroldo. de. *Metalinguagem e outras metas: ensaios de teoria e crítica literária*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira*. São Paulo: DIFEL, 1964.
- COUTINHO, Afrânio (dir). *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- CHALHUB, Samira. *A metalinguagem*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1998. (Série Princípios)
- CURY, Maria. Z.; WALTY, Ivete. *Textos sobre textos. Um estudo da metalinguagem*. Belo Horizonte: Dimensão, 1999. (Coleção Lendo e Ensinando).

JAKOBSON, Roman. Linguística e Poética. In: *Linguística e Comunicação*. Tradução Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1978, p. 119- 62.

_____. O dominante. In: LIMA, L. C. *Teoria da Literatura em suas fontes*. 2. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, p. 485- 491, 1. v.

MAGALHÃES, Carlos Fernando Figueiras de. *Perau*. Goiânia: Vieira, 2004.

_____. X. Goiânia: Cãnone, 2000.

_____. *Quarks*. Goiânia: Editora da UFG, 1994.

_____. *Eros: poemas*. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

_____. *Matéria-prima*. Goiânia: Departamento Estadual de Cultura, 1968.

PASCOLATI, S. A. V. *Nos andaimes do texto: a metatextualidade como traço da poética lobatiana*. 1999. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários)- Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista- UNESP, Araraquara, 1999.